

a espada do destino  
saga the witcher / volume II  
andrzej sapkowski

Tradução de Tomasz Barcinski

Adaptação de Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## O LIMITE DO POSSÍVEL

### I

— **E**le já não sai dali — disse o bexigoso, abanando a cabeça com convicção. — Há mais de uma hora e um quarto que entrou. Já era.

O pessoal local permanecia em silêncio no meio das ruínas, com os olhos fixos na abertura negra entre os escombros, uma entrada semioculta para o subsolo. Um homem corpulento com um gibão amarelo avançou uns passos, aclarou a garganta e retirou da cabeça uma boina amachucada.

— Vamos esperar mais um bocado — afirmou, limpando o suor das sobancelhas ralas.

— Para quê? — rosnou o bexigoso. — O senhor presidente esqueceu-se de que lá nas masmorras vive um basilisco? Todos os que lá entrarem podem ser dados como mortos. Por acaso foram poucos os que desapareceram para sempre naquele buraco? Portanto, para quê esperar?

— Mas foi o que combinámos — respondeu o gordo, hesitante.

— O senhor combinou com um homem vivo, senhor presidente — frisou um gigante enfiado num avental de talhante. — E aquele ali está mesmo morto, sem sombra de dúvida. Já se sabia de antemão que se encaminhava para a morte certa, assim como aqueles que o precederam. Além do mais, nem sequer levou um espelho, apenas a espada. E todos sabem que sem um espelho não é possível matar um basilisco.

— O senhor acabou por poupar uns trocos, presidente — acrescentou o bexigoso —, já que não vai ter a quem pagar pelo basilisco. Portanto, regresse

tranquilamente a casa. Quanto ao cavalo e aos pertences do feiticeiro, nós tratamos deles; seria uma pena deixá-los por aí abandonados.

— É isso mesmo — concordou o talhante. — Uma bela égua e alforjes cheios. Vamos espreitar lá para dentro.

— Esperem aí! O que é que querem?

— Caladinho, senhor presidente, e não se meta onde não é chamado se não quiser acabar com um galo na cabeça — advertiu o bexigoso.

— Bela égua — repetiu o talhante.

— Deixe o cavalo em paz, meu caro.

O talhante virou-se lentamente na direção de um desconhecido que saíra de uma brecha no muro atrás da multidão aglomerada em redor da entrada do calabouço.

O desconhecido, de cabelo castanho encaracolado, vestia uma túnica acolchoada castanha, calçava botas de montar de cano alto e não trazia arma.

— Afaste-se do cavalo — insistiu, sorrindo de modo mordaz. — O que se passa? O cavalo não é seu, tampouco os alforjes, e, mesmo assim, lança-lhes esse olhar ávido e estende-lhes os braços infames? Isso é coisa que se faça?

O bexigoso, enfiando lentamente a mão no bolso do casaco, olhou de soslaio para o talhante. Este assentiu com a cabeça e fez um sinal na direção do grupo, do qual surgiram dois grandalhões de cabelo rapado. Cada um segurava nas mãos uma moca daquelas usadas para abater animais num matadouro.

— E quem é você — perguntou o bexigoso, sem tirar a mão do bolso — para nos ensinar o que está bem e o que está mal?

— Esse é um assunto que não lhe interessa, meu caro.

— Não anda armado.

— É verdade — respondeu o desconhecido, sorrindo ainda com mais sarcasmo —, não ando.

— O que não é bom — continuou o bexigoso, tirando do bolso uma faca de lâmina comprida. — É muito mau não andar armado.

O talhante também sacou de uma faca, que mais parecia uma espada curta. Os outros dois deram um passo à frente, erguendo as mocas.

— É que eu não preciso disso — afirmou o desconhecido, sem se mexer. — As minhas armas seguem-me.

Mal acabou de falar, emergiram das ruínas duas jovens, que avançaram com passos fluidos e seguros. O grupo de mirones abriu alas, recuando de imediato.

As jovens sorriam com dentes brilhantes e olhos semicerrados, e o seu

sorriso estendia-se com largas tatuagens azuis-arroxeadas, que alcançavam as orelhas. Os músculos das coxas, visíveis por entre as peles de raposa que lhes rodeavam as ancas, e dos braços, despidos acima de luvas de cota de malha de aço, eram bem desenvolvidos e rijos. Dos ombros, também envoltos por cota de malha, sobressaíam empunhaduras de espadas.

Lentamente, muito lentamente, o bexigoso dobrou os joelhos e deixou cair a faca ao chão.

Do buraco nos escombros emanou um barulho de pedras a desabar e de imediato emergiram da escuridão duas mãos, que se agarraram às bordas do muro danificado. Depois apareceram, pouco a pouco, uma cabeça de cabeleira alva polvilhada de pó de tijolo, um rosto pálido e um ombro revelando o punho de uma espada. Um murmúrio percorreu a multidão.

O homem de cabelos brancos retirou do buraco um corpo estranho, coberto de pó misturado com sangue. Puxando o estranho ser pela longa cauda de réptil, atirou-o, sem dizer uma palavra, para os pés do gordo presidente da Câmara. Este saltou para trás, tropeçou num fragmento do muro e ficou a olhar para o bico de pássaro arqueado, para as asas com membranas e para as garras recurvadas nas patas escamadas. Viu a goela inchada — que já fora carmim e, agora, era ruivo-sujo — e os olhos cavados e vítreos.

— Eis o basilisco — anunciou o homem de cabelos brancos, sacudindo o pó de tijolo das calças. — Conforme combinado, gostaria de receber os meus duzentos lintares.

O presidente sacou da sua bolsa com mãos trémulas. O homem de cabelos brancos olhou em volta, retendo o seu olhar por um instante no bexigoso e na faca caída a seus pés. Depois, observou o homem de túnica castanha e as duas jovens com peles de raposa.

— É sempre assim — afirmou, tirando a bolsa das mãos do presidente. — Eu arrisco o meu pescoço por uns trocados e, enquanto isso, vocês tentam deitar as mãos aos meus pertences. Nunca hão de mudar, seus miseráveis.

— Os seus pertences estão intactos, senhor — murmurou o talhante, ao mesmo tempo que os dois grandalhões com mocas se misturavam com a multidão. — Ninguém lhes tocou.

— O que me alegra muito. — O homem de cabelos brancos sorriu. — E é por isso que também ninguém lhes vai tocar. Vai em paz, mas depressa, antes que eu mude de ideias.

Ao ver aquele sorriso, que mais parecia uma ferida aberta no rosto pálido do matador do basilisco, a multidão começou a dispersar. O bexigoso

também queria partir. As pústulas ficaram ainda mais nítidas no rosto empalidecido.

— Espere — disse-lhe o homem de túnica castanha. — Esqueceu-se de um pormenor.

— Qual pormenor, meu senhor?

— O de me ter ameaçado com uma faca.

A mais alta das jovens plantou-se com as pernas abertas e girou agilmente a anca. A espada, sacada a dada altura da bainha, sibilou ameaçadoramente. A cabeça do bexigoso rodopiou no ar, caindo no buraco da masmorra, enquanto o seu corpo desabava rija e pesadamente no meio dos tijolos esmiçalhados. A multidão soltou um grito de pavor. A segunda jovem agarrou o punho da espada e virou-se rapidamente com o intuito de proteger as costas da companheira. Não foi preciso. A multidão, tropeçando e caindo nas ruínas, fugia para a cidade o mais depressa possível. À frente de todos, saltando com impressionante agilidade, corria o obeso presidente, apenas a uns passos de distância do gigantesco talhante.

— Belo golpe — comentou friamente o homem de cabelos brancos, protegendo os olhos contra o sol com a mão enfiada numa luva negra. — Um belo golpe de uma espada zerricana. Curvo-me respeitosamente perante a perícia e a beleza das guerreiras de Zerricânia. Sou Geralt de Rívia.

— E eu sou Borch, conhecido como Três Galhas — respondeu o homem da túnica castanha, apontando para um desbotado brasão bordado na parte da frente do seu traje, com a imagem de três aves negras pousadas num campo dourado. — E estas são as minhas duas jovens: Tea e Vea. É como lhes chamo, pois os seus verdadeiros nomes são difíceis de pronunciar. As duas, como o senhor acertou, são zerricanas.

— E é graças a elas que ainda tenho a minha égua e as minhas coisas. Muito obrigado, bravas guerreiras, e também lhe agradeço, senhor Borch.

— Três Galhas. E não me trate por «senhor». Existe algo que o prenda a este lugarejo, Geralt de Rívia?

— Nada; muito pelo contrário.

— Ótimo. Tenho uma proposta: perto daqui, na encruzilhada junto do caminho para o porto fluvial, há uma taberna chamada O Dragão Pensativo. Não há cozinha igual em toda a região. Dirija-me para lá para comer algo e passar a noite. Teria muito gosto se aceitasse fazer-me companhia.

— Borch — disse o homem de cabelos brancos, virando-se da sua montada e fitando o desconhecido diretamente nos olhos —, não gostaria que surgisse algum mal-entendido entre nós. Sou bruxo.

— Foi o que imaginei, mas percebi que disse isso como se anunciasse «sou leproso».

— Há pessoas — respondeu pausadamente Geralt — que prefeririam a companhia de um leproso à de um bruxo.

— E há quem prefira a companhia de ovelhas à de mulheres. — Três Galhas riu-se. — O que se pode fazer com pessoas assim? Somente sentir pena delas, tanto de umas como de outras. Renovo a minha proposta.

Geralt tirou a luva e apertou a mão que lhe fora estendida.

— Aceito, e é um grande prazer conhecê-lo.

— Portanto, avancemos, porque começo a ficar com fome.

## II

O taberneiro limpou com um pano o áspero tampo da mesa e sorriu. Faltavam-lhe os dois dentes da frente.

— Pois é... — disse o Três Galhas, olhando para o teto enegrecido pelo fumo e cheio de teias de aranha. — Antes de mais, cerveja, e, para que não tenha de andar muito, traga já um barril inteiro. Para acompanhar a cerveja... o que nos sugere, meu caro?

— Queijo? — arriscou o taberneiro.

— Não — respondeu Borch, fazendo uma careta. — O queijo vai servir à sobremesa. Para acompanhar a cerveja, queremos algo azedo e picante.

— Muito bem. — O taberneiro sorriu ainda mais, mostrando que os dois dentes da frente não eram os únicos em falta. — Enguias em alho com azeite e vinagre ou então pimentões verdes em salmoura.

— Ótimo. Traga os dois e, depois, aquela sopa que já comi aqui, cheia de moluscos, peixinhos e outras pequenas delícias.

— Sopa dos balseiros?

— Isso mesmo. Depois, cordeiro assado com cebola e, também, cinco dúzias de caranguejos. A seguir, queijo de cabra com salada. Por enquanto é só.

— Muito bem. O mesmo para todos, ou seja, quatro porções?

A zerricana mais alta meneou negativamente a cabeça, batendo com a palma da mão na cintura coberta por uma blusa de linho cingida.

— Esqueci-me — disse o Três Galhas, piscando maliciosamente o olho a Geralt — de que as meninas querem manter a linha. Senhor taberneiro, o

cordeiro é apenas para nós os dois. Traga já a cerveja e as enguias marinadas. Quanto ao restante do pedido, espere um pouco, para que não arrefeça. Não viemos aqui para comer como glutões, mas para conversar um pouco.

— Entendido — respondeu o taberneiro, inclinando-se respeitosamente.

— A sagacidade é fundamental no seu ramo. Estenda a mão, meu caro.

Ouviu-se o tilintar de moedas de ouro e o taberneiro sorriu até ao limite que a boca permitia.

— Isso não é um adiantamento do que terei de pagar — informou-o o Três Galhas. — É um extra. E agora, meu bom homem, corra para a cozinha e prepare a nossa comida.

No interior da taberna estava calor. Geralt desafivelou o cinturão, tirou o gibão e enrolou as mangas da camisa.

— Pelo que vejo — disse —, não lhe falta dinheiro. Desfruta dos privilégios do feudalismo?

— Em parte. — O Três Galhas sorriu, sem entrar em pormenores.

Foram lestos a acabar com as enguias e com um quarto do barril de cerveja. As duas zerricanas não fizeram cerimónia com a bebida, de modo que ficaram alegres e animadas, sussurrando entre si. Veia, a mais alta, repentinamente soltou uma gargalhada.

— As raparigas falam a língua comum? — perguntou Geralt em voz baixa, olhando de soslaio para elas.

— Não muito. Além do mais, não são tagarelas, o que é uma grande virtude. Que tal a sopa, Geralt?

— Humm.

— Bebamos.

— Humm.

— Geralt — disse o Três Galhas, pondo de lado a colher e soltando um discreto arrotto —, voltemos por um momento à conversa que mantivemos enquanto vínhamos para cá. Pelo que pude entender, é um bruxo que viaja de um canto do mundo a outro e, caso encontre um monstro pelo caminho, mata-o a troco de dinheiro. É nisso que consiste a profissão de bruxo?

— Mais ou menos.

— E o que acontece quando é chamado a realizar uma tarefa específica? Aceita e executa?

— Depende de quem me chamar e para fazer o quê.

— E de quanto lhe oferecerem.

— Sim, também. Está tudo cada vez mais caro e é preciso viver, como costuma dizer uma minha amiga feiticeira.

— Uma abordagem bastante seletiva, diria até prática. Contudo, no fundo há sempre uma ideia básica, Geralt. O conflito entre as forças da Ordem e as forças do Caos, como dizia um feiticeiro meu conhecido. A imagem que eu tinha de alguém como você era a de quem cumpre uma missão e defende as pessoas do Mal, não importando quando nem onde, e sem qualquer discriminação. Achava que se mantinha de um dos lados claramente definidos da paliçada.

— Forças da Ordem e forças do Caos. Que palavras mais sonoras, Borch! Faz questão de me colocar de um dos lados da paliçada num conflito que, pelo que se acredita universalmente, é eterno, que começou muito antes de nós e que continuará a existir quando já cá não estivermos há muito. De que lado fica o ferreiro que ferra os cavalos? Ou, então, o nosso taberneiro, que, neste preciso momento, se aproxima com o cordeiro assado? O que é que, na sua opinião, define a fronteira entre o Caos e a Ordem?

— Uma coisa extremamente simples — respondeu o Três Galhas, fixando os olhos diretamente nos de Geralt. — Aquilo que representa o Caos é uma ameaça, é o lado agressivo. Já a Ordem é a parte ameaçada, que tem de ser defendida e precisa de um defensor. Mas vamos fazer uma pausa para beber uns tragos e atacar o cordeiro.

— De acordo.

Como as zerricanas zelavam pela silhueta, deixaram de comer e passaram a beber num ritmo mais acelerado. Veia, inclinada sobre o ombro da companheira, uma vez mais sussurrava algo, roçando com a trança no tampo da mesa. Tea, a mais baixa, riu com gosto, com as pálpebras tatuadas semicerradas.

— Muito bem — disse Borch, roendo um osso. — Se concordar, vamos retomar a nossa conversa. Pelo que entendi, não o encanta a ideia de se posicionar do lado de uma das forças. O que quer é, simplesmente, exercer a sua profissão.

— Sim.

— No entanto, não conseguirá livrar-se do conflito entre o Caos e a Ordem. Embora tenha feito uma comparação com o ferreiro para provar o seu ponto de vista, não é ferreiro. Vi como trabalha. Entra numas ruínas e retira de lá um basilisco destroçado. Existe, meu caro, uma enorme diferença entre ferrar um cavalo e matar um basilisco. Acabou de dizer que, caso a recompensa seja condigna, vai até ao fim do mundo para acabar com um monstro que lhe seja indicado. Digamos um furioso dragão que cos...



— Escolheu o exemplo errado — interrompeu-o Geralt. — Logo para começar, baralhou-se bastante, porque não mato dragões, apesar de serem, sem dúvida, representantes do Caos.

— O quê? Não mata dragões? — espantou-se o Três Galhas, lambendo os dedos. — Afinal, imagino que o dragão seja o mais terrível, cruel e encarniçado de todos os monstros. É o mais asqueroso dos répteis. Ataca pessoas, lança chamas pelas ventas e rapta as... como é que se diz? Ah, sim, as donzelas. Não ouviu histórias que cheguem sobre isso? Não posso acreditar que um bruxo não tenha diversos dragões no rol das suas vítimas.

— Eu não caço dragões — disse Geralt secamente. — Forcaudos, os-luzgos, dermopteras, sim, mas não dragões. Nem os verdes, nem os negros, tampouco os vermelhos. Acredite no que lhe digo.

— Espanta-me — comentou o Três Galhas. — Muito bem, acredito. Contudo, por ora não falemos mais de dragões; vejo algo vermelho no horizonte e tenho a certeza de que são os nossos caranguejos. Bebamos!

Eram efetivamente os caranguejos, e os dois homens passaram a destroçar com os dentes as carapaças vermelhas e a sugar a saborosa carne branca. A salgada água do mar ardia na boca e escorria por entre os dedos. Borch continuou a servir cerveja, raspando já com o caço o fundo do barril. As zerricanas ficaram ainda mais alegres, lançando olhares desafiadores pela taberna. O bruxo tinha a certeza de que procuravam um pretexto para criar confusão. O Três Galhas também deve ter pensado o mesmo, pois ameaçou-as com um caranguejo que segurava por uma das patas. As jovens soltaram um risinho trocista, e Tea, unindo os lábios como se fosse dar um beijo, semicerrou os olhos de modo sedutor, o que, no seu rosto tatuado, gerou uma impressão bastante macabra.

— Elas são selvagens como lince — rosnou o Três Galhas para Geralt. — É preciso estar sempre de olho nelas. Com elas, meu caro, basta um momento de distração e o chão cobre-se de tripas. Mas valem bem o seu preço. Se soubesse do que são capazes...

— Sei — respondeu Geralt. — Dificilmente encontraria melhor escolta. As zerricanas são guerreiras natas, treinadas para lutar desde a mais tenra idade.

— Não era a isso que me referia — disse Borch, cuspiendo sobre a mesa uma pata de caranguejo. — Referia-me ao modo como se comportam na cama.

Geralt lançou um olhar nervoso às jovens. Ambas sorriram. Veia, com um movimento rapidíssimo, quase impercetível, retirou um caranguejo da

travessa. Encarando o bruxo com olhos semicerrados, despedaçou a carapaça. Os seus lábios brilharam, humedecidos pela água salgada. O Três Galhas arrotou, desta vez sem tentar disfarçar.

— Quer dizer, Geralt — prosseguiu —, que não caça dragões, nem os verdes nem os das outras duas cores. Registei essa informação. E, se me é permitido perguntar, porquê apenas os dessas três cores?

— Quatro, para sermos exatos.

— Mencionou apenas três.

— Vejo que está muito interessado em dragões. Algum motivo especial?

— Não. Simples curiosidade.

— Compreendo. Quanto às cores, é essa a descrição comum dos verdadeiros dragões, embora não seja totalmente precisa. Os dragões verdes, os mais populares, tendem mais para o cinzento, assim como os simples osluzgos. Os vermelhos são mesmo vermelhos ou da cor de tijolo. Já os enormes dragões castanhos-escuros costumam ser conhecidos por negros. Os mais raros são os dragões brancos; nunca vi nenhum. Dizem que vivem mais a norte.

— Interessante. E sabe de que outros dragões ainda ouvi falar?

— Sei — respondeu Geralt, dando mais um gole na cerveja. — Dos mesmos que eu. Dos dourados. Só que esses não existem.

— E no que é que se baseia para fazer tal afirmação? No facto de nunca ter visto nenhum? Pelo que acabou de dizer, também nunca viu um branco.

— Não se trata disso. Nas regiões do além-mar, como Ofir e Zangweb, há cavalos com riscas pretas. Também nunca os vi, mas sei que existem. Em contrapartida, um dragão dourado é apenas um ser mítico, lendário, como a fénix. Fénices e dragões dourados não existem.

Vea, apoiada sobre os cotovelos, olhava para ele com interesse.

— Deve saber o que diz; afinal de contas, é bruxo — comentou Borch, retirando mais cerveja do barril. — No entanto, acredito que todos os mitos e todas as lendas devem ter algumas raízes, e estas têm um quê de verdade.

— E têm — confirmou Geralt. — Na maioria dos casos são sonhos, desejos ocultos, nostalgias. A fé de que não existe um limite para o possível ou, uma vez por outra, um acaso.

— Exatamente, um acaso. Quem sabe se a dada altura não existiu um dragão dourado, uma mutação única e irreproduzível?

— Se existiu, então teve o mesmo destino de todos os mutantes. — O bruxo virou a cabeça. — Diferenciava-se de mais para sobreviver.

— Espere um momento — retorquiu o Três Galhas. — Está a renegar as

leis da Natureza, Geralt. Aquele feiticeiro meu amigo costuma dizer que na Natureza todos os seres têm a sua continuidade e conseguem sobreviver, de uma ou de outra maneira. O fim de um é o começo de outro. Não há limite para o possível. Pelo menos, não na Natureza.

— Esse seu amigo feiticeiro é um grande otimista. No entanto, não levou em consideração um facto fundamental: os erros cometidos pela Natureza ou por aqueles que ousam brincar com ela. Caso tivessem existido, tanto o dragão dourado quanto os outros mutantes como ele não poderiam ter perdurado. Ter-se-iam confrontado com o muito natural limite do possível.

— E que limite seria esse?

— Os mutantes são estéreis, Borch — respondeu Geralt em voz baixa, com os músculos da face a tremer violentamente. — Apenas nas lendas sobrevive aquilo que não pode perdurar na Natureza. Apenas as lendas e os mitos desconhecem o limite do possível.

O Três Galhas permaneceu calado. Geralt olhou para as jovens, repentinamente sérias. De modo inesperado, Vea inclinou-se na sua direção e abraçou-lhe o pescoço com o braço musculado. Geralt sentiu na face o toque dos seus lábios humedecidos por cerveja.

— Elas gostam de si — disse o Três Galhas pausadamente. — Por mais estranho que possa parecer, gostam de si.

— E o que há de estranho nisso? — indagou o bruxo, com um sorriso triste.

— Nada. Mas isso tem de ser comemorado condignamente. Taberneiro! Mais um barril de cerveja!

— Não exagere. No máximo, uma jarra.

— Duas jarras! — gritou o Três Galhas. — Tea, preciso de sair por um momento.

A zerricana ergueu-se, pegou na espada pousada no banco e lançou um olhar ameaçador pela sala. Embora alguns pares de olhos tivessem previamente mirado com cobiça a recheada bolsa de dinheiro do Três Galhas, ninguém se dispôs a segui-lo quando, meio trôpego, saiu da taberna. Tea encolheu os ombros e seguiu o patrão.

— Qual é o seu verdadeiro nome? — perguntou Geralt à jovem que ficara à mesa.

Vea sorriu e mostrou os seus dentes brilhantes. Tinha a blusa desaperçada quase até ao limite do possível e o bruxo não tinha dúvidas de que se tratava de uma segunda provocação aos ocupantes da sala.

— Alveaenerle.

— Bonito — disse Geralt, certo de que a zerricana faria beicinho e lhe piscaria o olho. Não se enganou.

— Vea?

— Hã?

— Porque é que acompanham o Borch? Logo vocês, guerreiras livres? Pode responder?

— Humm...

— Humm, o quê?

— É que ele é... — A zerricana ficou pensativa, procurando a palavra adequada. — Ele é... o mais... formoso.

O bruxo acenou com a cabeça. Não era a primeira vez que os critérios adotados pelas mulheres para avaliar o aspeto físico dos homens se revelavam um enigma para ele.

O Três Galhas regressou à taberna abotoando as calças e dando novas ordens ao taberneiro. A dois passos dele, Tea, fingindo-se entediada, percorreu atentamente a sala com o olhar, o qual os comerciantes e balseiros se esforçaram por evitar. Enquanto isso, Vea, depois de sugar a carne de mais um caranguejo, não parou de lançar olhares insinuantes ao bruxo.

— Encomendei mais uma enguia, desta vez assada — informou o Três Galhas, sentando-se pesadamente. — Fartei-me desses caranguejos e fiquei ainda com mais fome. Arranjei-lhe alojamento, Geralt. Não faz qualquer sentido andar por aí à noite a vaguear. Vamos divertir-nos. À vossa saúde, meninas!

— *Vessekheal* — disse Vea, batendo com a caneca contra a dele.

Tea pestanejou e espreguiçou-se, mas, contrariando as expectativas de Geralt, o seu atraente busto não rasgou a frente da blusa.

— Vamos para a farra — anunciou o Três Galhas, inclinando-se sobre a mesa e dando uma palmada no traseiro de Tea. — Vamos divertir-nos imenso, caro bruxo. Ei, taberneiro! Venha cá!

O taberneiro apareceu de pronto, limpando as mãos no avental.

— Por acaso não tem uma tina? Uma daquelas de lavar roupa, sólida e grande?

— Quão grande, senhor?

— Para quatro pessoas.

— Para... quatro... — gaguejou o taberneiro, boquiaberto.

— Para quatro — confirmou o Três Galhas, sacando da sua bolsa.

— Certamente que temos — respondeu o dono do estabelecimento, lambendo os beiços.

— Ótimo. — Borch riu-se. — Diga para a levarem para o meu quarto e que a encham de água quente. Rápido, meu caro. E diga também para levarem cerveja, três jarras.

As zerricanas soltaram risadinhas e piscadelas de olho em simultâneo.

— Qual das duas prefere, Geralt? — indagou o Três Galhas.

O bruxo coçou a cabeça.

— Sei que é difícil escolher — disse o Três Galhas, num tom compreensivo. — Às vezes, até eu fico atrapalhado. Muito bem, vamos pensar nisso quando estivermos dentro da tina. Ei, meninas! Ajudem-me a subir as escadas!

### III

**N**a ponte havia um obstáculo em forma de cancela: uma longa e pesada viga apoiada sobre estacas de madeira. À frente e atrás encontravam-se alabardeiros vestidos com casaco de couro tachado e capuz bicudo. Sobre a cancela esvoaçava uma bandeira púrpura com a imagem de um grifo prateado.

— Que diabo será isto? — espantou-se o Três Galhas, cavalgando devagar na direção da ponte. — Não se pode passar?

— Onde está o salvo-conduto? — perguntou o alabardeiro mais próximo, sem tirar da boca um palito que mordiscava, não se sabendo se por fome ou por não ter nada melhor que fazer.

— Que salvo-conduto? O que é que se passa? Uma epidemia de peste negra? Uma guerra? Quem vos ordenou que bloqueassem a passagem?

— O rei Niedamir, senhor de Caingorn — respondeu o guarda, sem tirar o palito da boca e apontando para a bandeira. — Sem o salvo-conduto, ninguém pode aproximar-se das montanhas.

— Deve ser um engano — disse Geralt, com uma voz cansada. — Não estamos em Caingorn, mas sim nos domínios de Holopole. E é Holopole, e não Caingorn, que tem o direito de cobrar portagem nas pontes do Braa. O que tem Niedamir a ver com isso?

— Não me perguntem a mim — disse o guarda, cuspiendo o palito. — Isso não me diz respeito. A minha função é verificar os salvo-condutos. Se quiserem, podem falar com o nosso decurião.

— E onde está ele?

— Atrás do posto alfandegário, a apanhar sol — respondeu o alabardeiro, sem olhar para Geralt, mas sim para as coxas desnudas das zerricanas, confortavelmente montadas nos cavalos.

O decurião estava sentado numa pilha de troncos ressequidos de árvores e, com a ponta da haste da sua alabarda, desenhava na areia uma mulher, ou melhor, uma parte dela, vista de um ângulo pouco comum. Ao seu lado, dedilhando suavemente as cordas de um alaúde, encontrava-se um homem esbelto de chapéu cor de ameixa com uma fivela de prata e uma longa e irrequieta pluma de garça.

Geralt conhecia aquele chapéu e aquela pena, famosos desde Buina até Yaruga e conhecidos em todas as cortes, castelos, tabernas, estalagens e, principalmente, prostíbulos.

— Jaskier!

— O bruxo Geralt! — Sob o chapéu, destacou-se um par de alegres olhos azuis-escuros. — Ora vejam! Por aqui? Por acaso não tens um salvo-conduto?

— Que porcaria de salvo-conduto é esse? — perguntou Geralt, saltando do cavalo. — O que é que se passa aqui, Jaskier? O cavaleiro Borch Três Galhas, eu e a nossa escolta queríamos passar para a outra margem do Braa e, pelos vistos, não podemos.

— O mesmo se passa comigo — respondeu Jaskier, erguendo-se, tirando o chapéu e fazendo uma vénia exagerada às duas zerricanas. — Imaginem que este decurião, que, como podem constatar, também é artista, não me deixa passar para o outro lado, eu, Jaskier, o mais famoso menestrel e poeta num raio de mil milhas.

— Não vou deixar passar ninguém que não tenha salvo-conduto — afirmou soturnamente o decurião, bicando a areia com a ponta da haste da alabarda e, com isso, acrescentando o detalhe final ao seu desenho.

— Bem, face a isso, teremos de seguir pela margem esquerda — disse o bruxo. — É certo que o caminho até Hengfors será mais longo, mas não havendo alternativa...

— Para Hengfors? — espantou-se o bardo. — Quer dizer que não vais para Niedamir? Não vais procurar o dragão?

— Que dragão? — interessou-se o Três Galhas.

— Então vocês não sabem? A sério? Vejo que vou ter de vos contar tudo. Disponho de muito tempo, pois também estou retido aqui na esperança de aparecer algum conhecido com um salvo-conduto. Sentem-se, por favor.

— Um momento — disse o Três Galhas. — O Sol já está a três quartos

do zénite e estou a morrer de sede. Não vamos ficar a conversar com a garganta seca. Tea, Vea, deem um salto até à aldeia e comprem um barril de cerveja.

— O senhor agrada-me, senhor...

— Borch, mais conhecido como Três Gralhas.

— Jaskier, conhecido por Inigualável por umas e outras donzelas.

— Conta lá o que se passa, Jaskier — impacientou-se Geralt. — Não vamos ficar aqui até ao fim do dia.

O bardo pegou no alaúde e dedilhou as cordas.

— Como é que preferem: a versão simples ou a poética?

— Simples.

— Muito bem — concordou Jaskier, sem largar o alaúde. — Então, ouçam, distintos senhores, o que ocorreu há uma semana na não mui distante cidade franca chamada Holopole. À ténue claridade da aurora, mal o Sol matinal lançara os seus raios róseos sobre a esvoaçante névoa dos prados...

— Disseste que seria simples — lembrou-lhe o bruxo.

— E não está a ser? Ah, compreendo. Devo ser breve e deixar as metáforas de lado. Pois bem: um dragão sobrevoou os pastos de Holopole.

— Eeh — disse Geralt. — Isso parece-me muito pouco provável. Há anos que ninguém vê um dragão por estas bandas. Não teria sido um simples osluzgo? Alguns chegam a ser tão grandes que...

— Não me ofendas, bruxo. Sei o que digo. Por mero acaso estive na feira de Holopole e pude vê-lo com os próprios olhos. Já preparei uma balada sobre ele, mas não quiseram ouvi-la...

— E nós também não queremos. Prossegue o teu relato. Ele era grande?

— Tinha o comprimento de três cavalos, com a garupa não muito maior do que a de um, mas muito gordo. E era acinzentado.

— Queres dizer, verde.

— Sim. Apareceu de repente a voar, vindo não se sabe de onde, baixou sobre um rebanho de ovelhas, espantou os pastores, matou uma dúzia de ovelhas, devorou quatro delas e partiu.

— E partiu... — repetiu Geralt, abanando a cabeça. — É tudo?

— Não. No dia seguinte, apareceu outra vez, só que mais perto da cidade. Mergulhou sobre um grupo de mulheres que lavavam roupa no rio Braa. Nem imaginam a gritaria! Nunca me ri tanto na vida. O dragão sobrevoou Holopole um par de vezes e seguiu para o pasto, onde voltou a atacar as ovelhas. Foi quando realmente se deu uma grande confusão, porque, até aí, as pessoas não deram muito crédito ao relato dos pastores. O presidente

da Câmara mobilizou a guarda municipal, mas, antes de esta formar, a plebe tomou o assunto nas suas próprias mãos... e resolveu-o a contento.

— Como?

— Lançando mão a um interessante expediente popular. O mestre sapateiro local, um tal de Comecabras, inventou um sistema para derrotar o réptil. Mataram uma ovelha e rechearam-na com heléboro, beladona, cicuta, pólvora e piche de sapateiro. Para completar, o farmacêutico local adicionou dois quartos de litro da sua mistura contra tumores, e o sacerdote do templo de Kreve fez umas rezas sobre o cadáver. Depois, colocaram a ovelha preparada entre as restantes, apoiando-a numa estaca. A bem da verdade, ninguém esperava que o dragão se sentisse tentado por aquela merda fedorenta, mas a realidade ultrapassou todas as expectativas. Desprezando as ovelhas vivas, que baliam sem cessar, o réptil engoliu o isco com a estaca.

— E o que aconteceu depois? Conta lá, Jaskier.

— E por acaso não é isso que estou a fazer? Estou a contar. Em menos tempo do que aquele que um homem experiente leva a desatar o espartilho de uma dama, o dragão começou a urrar e a largar fumo, tanto pela frente como por trás. Dava cambalhotas, tentava alçar voo, mas caía de imediato. Até que ficou imóvel. Dois voluntários ofereceram-se para se aproximarem e certificarem-se de que o dragão estava definitivamente morto: o coveiro da terra e o idiota da cidade, engendrado pela filha de um lenhador violada por um destacamento de mercenários que passava por Holopole ainda nos tempos da revolta do voivoda Nurybob...

— Fartas-te de mentir, Jaskier!

— Não minto, apenas exagero. São duas coisas distintas.

— Não muito. Mas prossegue o teu relato e não desperdices mais tempo.

— Como eu ia dizendo, o coveiro e o valente idiota foram até junto do bicho, e nós, mais tarde, erguemos-lhes um túmulo... pequeno, mas agradável à vista.

— Ah! — exclamou Borch. — Quer dizer que o dragão continuava vivo.

— E como! — respondeu Jaskier, alegremente. — Estava vivo, mas tão fraco que não comeu nem o coveiro nem o idiota. Apenas lambeu o sangue deles. Depois, para desapontamento geral, voou para longe, decolando com grande dificuldade. A cada légua e meia, caía com estrondo, erguendo-se logo a seguir. Houve alturas em que chegou a caminhar, arrastando as patas traseiras. Os mais atrevidos foram atrás dele, mantendo o contacto visual. E sabem o que aconteceu?

— Não.



— O dragão enfiou-se numa garganta dos Montes Despidos, perto da nascente do rio Braa, e desapareceu numa das grutas que lá há.

— Agora está tudo claro — comentou Geralt. — O dragão por certo vivia há séculos em letargia naquelas cavernas; já ouvi falar de casos semelhantes. E deve estar lá escondido o seu tesouro. Agora compreendo por que razão fecharam a ponte. Alguém quer deitar a mão ao tesouro... e esse alguém é o Niedamir de Caingorn.

— Precisamente — confirmou o trovador. — Toda a Holopole está em ebulição por causa disso, porque a população acha que o dragão e o tesouro lhes pertencem, mas não têm coragem suficiente para entrar em conflito com o Niedamir. Embora o rei seja um miúdo que ainda nem começou a fazer a barba, já demonstrou que não vale a pena provocá-lo. Tem especial interesse naquele dragão e foi por isso que reagiu tão depressa.

— Queres dizer que ele tem especial interesse no tesouro.

— Não, o Niedamir está mesmo mais interessado no dragão do que no tesouro, porque, fiquem a saber, está de olho em Malleore, um reino vizinho ao seu, no qual, com a súbita e muito estranha morte do príncipe, restou uma princesa com a idade... se é que posso expressar-me dessa maneira... apropriada para ser levada para a cama. Os nobres de Malleore olham de esguelha para o Niedamir e demais pretendentes, pois sabem que um novo governante encurtaria as suas rédeas, hoje afrouxadas nas mãos da jovem soberana. Diante disso, desenterraram uma velha e empoeirada profecia, segundo a qual a coroa e a mão da princesa seriam daquele que derrotasse um dragão. Como há séculos que ninguém via um dragão, acreditavam que estavam seguros. Se o Niedamir quisesse, poderia tomar Malleore à força, não prestando atenção a lendas antigas. Entretanto, quando surgiu a notícia sobre o dragão de Holopole, percebeu que poderia derrotar a nobreza malleorina com as próprias armas. Caso lá aparecesse com a cabeça de um dragão, seria acolhido pelo povo como um monarca enviado pelos deuses, e os nobres não teriam coragem de soltar um pio. E então, ainda acham estranho ele partir no encalço do dragão como um cão atrás de uma lebre? Principalmente de um que mal se consegue manter de pé? Para ele, aquilo é uma pechincha, um golpe de sorte, um sorriso da fortuna.

— Então, foi por isso que fechou as estradas. Para travar a concorrência.

— Evidentemente. E não só a concorrência, como também os habitantes de Holopole. Além disso, despachou mensageiros com salvo-condutos para quem estivesse disposto a matar o dragão, porque o Niedamir não está muito inclinado a entrar ele mesmo na caverna apenas com uma espada na mão. E,

assim, foram convocados à pressa os mais famosos caçadores de dragões, a maioria dos quais tu, Geralt, deves conhecer.

— É bem possível. Quem veio?

— Em primeiro lugar, Eyck de Denesle.

— Que mer... — O bruxo assobiou baixinho. — O pio e virtuoso Eyck, o cavaleiro sem medo e sem mácula em pessoa.

— Conhece-o, Geralt? — indagou Borch. — É realmente um grande caçador de dragões?

— E não somente de dragões. O Eyck é capaz de dar cabo de qualquer monstro. Matou diversos grifos e manticoras. Também ouvi dizer que abateu uns quantos dragões. É muito bom, mas prejudicial ao meu negócio, porque não cobra pelos seus serviços. Quem mais apareceu, Jaskier?

— Os Rachadores de Crinfrid.

— Ah, é? Então o dragão já pode ser considerado morto, mesmo que tenha recuperado. Aqueles três não são para brincadeiras; lutam de forma desleal, mas extremamente eficaz. Acabaram com todos os osluzgos e forcaudos da Redânia e, na mesma época, mataram três dragões vermelhos e um negro, o que não deixa de ser um grande feito. Mais alguém?

— Sim. Um grupo de seis anões; cinco barbudos comandados por Yarpen Zigrin.

— Não sei quem é ele.

— Mas deves ter ouvido falar do dragão dos Montes Quartzíferos.

— Sem dúvida. Não só ouvi, como cheguei a ver algumas pedras provenientes do seu tesouro. Havia entre elas safiras de cores jamais vistas e diamantes do tamanho de cerejas.

— Pois fica a saber que foram exatamente o Yarpen Zigrin e o seu bando que abateram aquele dragão. Até compuseram uma balada sobre esse feito, mas muito fraca, porque não é da minha autoria. Não perdeste nada se não a ouviste.

— E são todos?

— Sim, sem contar contigo. Disseste que não sabias do dragão, o que talvez até fosse verdade. Agora, porém, já sabes. E então?

— Então, nada. Já te disse que não tenho interesse nesse dragão.

— Muito esperto, Geralt, tendo em vista que não dispões de salvo-conduto.

— Repito que não estou interessado nesse dragão. Mas não consigo entender o que fazes aqui. O que te atraiu tanto para estas bandas?

— O de sempre — respondeu o trovador. — É preciso estar perto dos acontecimentos e das atrações. A luta com esse dragão vai ser muito falada e,

embora eu possa facilmente compor uma balada com base num relato, soará muito melhor se entoada por alguém que presenciou o confronto com os próprios olhos.

— Um confronto? — gracejou o Três Gralhas. — Será algo mais parecido com a matança de um porco ou o esquartejamento de um cadáver. Ouço-vos a falar e não consigo controlar o meu espanto. Guerreiros famosos que vêm para cá a galope para dar cabo de um dragão moribundo envenenado por um patife. Não sei se devo rir ou vomitar.

— Engana-se — retrucou Geralt. — Como o dragão não morreu de imediato, o organismo dele deve tê-lo livrado do veneno e a besta está totalmente recuperada. Mas isso não tem importância, pois os Rachadores de Crinfrid vão matá-lo, dê por onde der, num confronto digno de ser visto.

— Devo entender que serão os Rachadores a dar cabo dele?

— Evidentemente.

— Não tanto assim — disse o até então calado decurião-artista. — Um dragão é um ser mágico e só poderá ser morto com magia. Se alguém vai acabar com ele, será aquela feiticeira que passou ontem por aqui.

— Quem? — perguntou Geralt, repentinamente atento.

— Uma feiticeira — repetiu o decurião. — Foi o que acabei de dizer.

— Ela identificou-se? Disse como se chamava?

— Disse, mas esqueci. Ela tinha salvo-conduto. Era jovem e, à sua maneira, até era atraente, mas os seus olhos... Os senhores sabem do que estou a falar: um simples olhar dela já nos arrepia.

— Sabes quem poderia ser ela, Jaskier?

— Não — respondeu o bardo, com uma careta. — Jovem, bonita e olhos que impressionam... Grande definição! São todas assim. Nenhuma das que conheci, e bem sabes que conheci muitas, aparentava ter mais de vinte e cinco, trinta anos, e, segundo se diz, muitas delas lembram-se dos tempos em que havia uma floresta onde hoje fica Novigrad. Afinal, para que servem os elixires de mandrágora? E elas ainda deitam gotas de mandrágora nos olhos para que brilhem. Mulheres serão sempre mulheres.

— Ela era ruiva? — perguntou o bruxo.

— Não — respondeu o decurião. — Morena.

— E qual era a cor do cavalo dela? Castanho, com uma estrela branca no focinho?

— Não, negro. E garanto aos senhores que será ela a matar o dragão. Um dragão é serviço para feiticeiros. As forças humanas não podem com ele.

— Gostaria de saber o que diria disso o sapateiro Comecabras.

— Jaskier riu-se. — Caso tivesse à mão algo mais forte do que apenas heléboro e beladona, a pele do dragão estaria a secar na paliçada de Holopole, a balada teria sido composta e eu não precisaria de estar a desbotar sob este Sol infernal...

— Porque é que o Niedamir não te levou com ele? — indagou Geralt, olhando de esguelha para o poeta. — Pelo que me consta, estavas em Holopole quando partiu. Será que o rei não gosta de artistas? O que é que te levou a ficar a desbotar ao sol, em vez de tocares o teu alaúde junto dos estribos do monarca?

— Foi por culpa de uma jovem viúva, que o diabo a carregue — explicou Jaskier soturnamente. — Fiquei a brincar com ela mais tempo do que devia, e, quando me dei conta, dois dias depois, o Niedamir e a sua trupe já tinham atravessado o rio. Até o Comecabras e batedores da milícia holopolina levaram com eles; só se esqueceram de mim. Tento explicar isso ao decurião, mas ele insiste na sua ladainha...

— Se tem salvo-conduto, deixo passar... — frisou o alabardeiro, impassível, urinando na parede do posto alfandegário. — Se não tem, não deixo. Foram as ordens que recebi...

— Olhem! As raparigas estão a regressar com a cerveja — interrompeu-o o Três Gralhas.

— E não estão sozinhas — acrescentou Jaskier, pondo-se de pé. — Olhem só para aquele corcel. Parece um dragão.

Vindo do bosque de álamos, as duas zerricanas flanqueavam, trotando, um cavaleiro montado num gigantesco e aguerrido garanhão.

O bruxo também se levantou.

O cavaleiro trajava um aveludado gibão cor de violeta com galões prateados e um curto casaco forrado a zibelina. Sentado ereto sobre a sela, olhava para eles com grande vaidade. Geralt conhecia aquele tipo de olhar, que não lhe agradava minimamente.

— Saudações a todos. Sou Dorregaray — apresentou-se o desconhecido, descendo lenta e dignamente do cavalo. — Mestre Dorregaray. Feiticeiro.

— Mestre Geralt. Bruxo.

— Mestre Jaskier. Poeta.

— Borch, conhecido por Três Gralhas. Quanto às minhas meninas, que neste momento estão a destapar o barril, o senhor já as conheceu.

— É verdade — disse o feiticeiro, sem um traço de sorriso. — Eu e as belas guerreiras de Zerricânia já nos cumprimentámos.

— Muito bem, então bebamos para celebrar este encontro — sugeriu

Jaskier, distribuindo recipientes de couro trazidos por Vea. — Senhor Borch, devo servir também o decurião?

— Claro. Junte-se a nós, bravo guerreiro.

— Imagino — disse o feiticeiro, depois de um pequeno e discreto gole de cerveja — que os senhores estejam aqui, junto desta cancela, pelo mesmo motivo que me trouxe cá, não é verdade?

— Se o que tem em mente é o dragão, senhor Dorregaray — disse Jaskier —, então sim. Da minha parte, gostaria de estar lá para compor uma balada. Infelizmente, o decurião aqui presente, um homem incivilizado, não quer deixar-me passar. Exige um salvo-conduto.

— Peço mil perdões — disse o alabardeiro, bebendo um pouco de cerveja e estalando a língua —, mas atribuíram-me ordens, sob pena de me cortarem a garganta, de não deixar passar ninguém que não tivesse salvo-conduto. E, segundo se comenta, toda a Holopole está pronta para partir para as montanhas atrás daquele dragão. As minhas ordens...

— As suas ordens, soldado — retrucou Dorregaray, franzindo o sobrolho —, têm que ver com a ralé que poderia causar confusão, com mulheres vadias capazes de espalhar doenças e com toda a espécie de plebe ignara, escória social e gentalha... mas, decididamente, não comigo.

— Não deixarei passar ninguém sem salvo-conduto — enfureceu-se o decurião. — Juro por tudo o que é mais sag...

— Não jure em vão — interrompeu-o o Três Galhas. — Em vez disso, tome mais um trago. Tea, sirva o valente guerreiro. E vamos sentar-nos. Beber de pé, às pressas e sem a dignidade que este ato merece, não condiz com pessoas tão nobres como nós.

Todos se sentaram sobre as vigas em torno do barril. O alabardeiro recém-promovido a nobre enrubesceu de satisfação.

— Beba, destemido centurião — encorajava-o o Três Galhas.

— Não sou centurião, mas apenas decurião. — O alabardeiro corou ainda mais.

— Mas, seguramente, não há de tardar a ser centurião — comentou Borch, arreganhando os dentes. — Tem boa cabeça e a promoção é certa.

Dorregaray, recusando uma nova rodada da bebida, virou-se para Geralt.

— Na cidade ainda se fala daquele basilisco, nobre bruxo, e, pelo que vejo, já vai atrás de um dragão — murmurou. — Estou curioso: é por premente necessidade de recursos ou por puro prazer que assassina seres ameaçados de extinção?

— Estranha curiosidade — respondeu Geralt —, especialmente vindo

de alguém que se esforça tanto para chegar a tempo da matança de um dragão com o intuito de lhe arrancar os dentes, tão preciosos na preparação de medicamentos e elixires. É verdade, senhor feiticeiro, que os dentes arrancados a um dragão ainda vivo são os mais valiosos?

— E tem a certeza de que é por isso que aqui estou?

— Tenho. Só que alguém se adiantou, Dorregaray. Antes da sua chegada, passou por aqui uma confreira sua com um salvo-conduto, que você não possui. Uma morena, caso queira saber.

— Montada num corcel negro?

— Ao que parece.

— Yennefer — murmurou Dorregaray, com ar soturno. O bruxo sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, mas ninguém percebeu.

Seguiu-se um momento de silêncio, interrompido pelo arroteo do futuro centurião.

— A ninguém... sem salvo-conduto...

— Duzentos lintares serão suficientes? — perguntou calmamente Geralt, sacando da bolsa que recebera do gordo presidente da Câmara.

— Geralt — o Três Gralhas sorriu enigmaticamente —, pelos vistos...

— Queira desculpar-me, Borch — interrompeu-o o bruxo. — Sinto muito, mas não vos acompanho até Hengfors. Talvez da próxima vez. Quem sabe se não nos encontraremos novamente?

— Não há nada que me obrigue a seguir para Hengfors — disse lentamente o Três Gralhas. — Absolutamente nada.

— Guarde essa bolsa com dinheiro, senhor — disse ameaçadoramente o futuro centurião. — O senhor está a querer subornar-me, mas saiba que nem por trezentos lintares o deixaria passar.

— E por quinhentos? — perguntou Borch, pegando na bolsa. — Guarde o seu dinheiro, Geralt, e deixe-me pagar a portagem. Esta história começa a divertir-me. Quinhentos, nobre soldado. Cem por cabeça, contando as minhas jovens como uma só, mas linda. E então?

— Ai, ai — lamentou-se o futuro centurião, guardando sob o casaco a bolsa de Borch. — O que direi ao rei?

— Dirá — disse Dorregaray, empertigando-se e tirando de trás do cinturão uma vareta de marfim ornamentada — que se assustou com o que viu.

— E o que foi que vi, senhor?

O feiticeiro fez um gesto com a vareta e gritou um encantamento. O pinheiro que crescia à beira do rio explodiu, cobrindo-se imediatamente de enormes labaredas, desde a raiz até à copa.

Jaskier ergueu-se de um pulo, colocou o alaúde às costas e berrou:  
— Aos cavalos! Aos cavalos, meus senhores e minhas senhoras!  
— Levantar a cancela! — ululou o rico alabardeiro, com grandes hipóteses de se tornar centurião.

Do outro lado da cancela, Vea puxou as rédeas e o seu cavalo galopou com estrondo sobre as tábuas da ponte. A jovem, com as suas tranças a esvoaçar ao vento, soltou um grito de guerra.

— É isso mesmo, Vea! — entusiasmou-se o Três Gralhas. — Em frente, senhores. Cavalgaremos à zerricana: com estrondo e sibilação!

#### IV

— **O**ra, vejam — disse Boholt, o mais velho dos Rachadores, cujo torso mais parecia o tronco de um velho carvalho. — O Niedamir não os dispersou pelos quatro cantos do mundo, embora, meus senhores, eu tivesse imaginado que era exatamente isso que faria. Não nos cabe, a nós, simples vassalos, questionar as decisões reais. Portanto, sejam bem-vindos à nossa fogueira e armem o vosso acampamento. E, cá entre nós, bruxo, sobre o que é que conversou com o rei?

— Sobre nada — respondeu Geralt, ajeitando mais confortavelmente a cabeça na sela colocada junto do fogo. — Ele nem se dignou a sair da tenda. Limitou-se a enviar o seu factótum, cujo nome agora me escapa...

— Gyllenstiern — soprou-lhe Yarpen Zigrin, um anão entroncado e barbudo, enquanto lançava ao fogo um pesado tronco que arrastara do meio do mato. — Trata-se de um parvalhão arrogante, um porco seboso. Assim que chegámos, apareceu de nariz empinado e, todo vaidoso, passou o tempo a avisar-nos sobre quem manda aqui, a quem devemos obedecer, a dizer que a palavra do rei tem o peso de lei e outras parvoíces desse teor. Fiquei a ouvir aquilo e até pensei em ordenar aos meus rapazes que o derrubassem e lhe tirassem o casaco para que eu mijasse nele, mas desisti para evitar que voltassem a circular boatos de que os anões são malvados, agressivos, filhos da puta, que é impossível... como é que se diz? Ah, sim... que é impossível coexistir com eles, o que resultaria em novas perseguições algures. Por isso, ouvi aquela parvoíce caladinho, acenando com a cabeça.

— Pelos vistos, o senhor Gyllenstiern não sabe dizer nada além disso

— observou Geralt —, porque foi exatamente o que nos disse, e nós também tivemos de ouvir acenando com a cabeça.

— Pois eu teria preferido — disse outro rachador, colocando mais lenha na fogueira — que o Niedamir vos tivesse expulsado. É incrível a quantidade de pessoas que se dirigem para cá. Um autêntico formigueiro humano. Isto já não é uma caçada, mas um cortejo fúnebre, e não me agrada a ideia de combater no meio de uma multidão.

— Deixa-te disso, Devasto — repreendeu-o Boholt. — É muito mais agradável viajar em grupo. Até parece que nunca participaste numa caça ao dragão. A possibilidade de apanhar um dragão sempre atraiu muita gente, quase como uma feira ou um bordel móvel. No entanto, assim que o réptil aparece, sabes muito bem quem permanece no terreno. Nós, e mais ninguém.

Boholt calou-se por um momento, sorveu um longo trago de um garrafão coberto de musgo, estalou os lábios e pigarreou.

— Por outro lado — continuou —, a prática tem demonstrado que, por mais de uma vez, somente após a morte do dragão é que começa a verdadeira matança, com cabeças a tombar como ervilhas. É na hora de repartir o tesouro que os caçadores saltam ao pescoço uns dos outros. Não é assim, Geralt? Não estou certo? Geralt, estou a falar consigo.

— Conheço casos desses — respondeu o bruxo secamente.

— Diz que conhece. Só se for de ouvir falar, porque nunca soube por ter caçado um dragão. Em toda a minha vida, jamais ouvi falar de um bruxo que caçasse dragões. Portanto, acho muito estranha a sua presença entre nós.

— É verdade — disse lenta e enfaticamente Kennet, o mais jovem dos Rachadores, apelidado de Penhorisco. — Isso é muito estranho, e nós...

— Espera lá — interrompeu-o Boholt. — Eu é que estou a falar. Aliás, não pretendo alongar-me. O bruxo sabe onde quero chegar. Eu conheço-o e ele conhece-me. Até agora, nunca nos atrapalhámos um ao outro e acho que assim vamos continuar. Porque, hão de convir, se eu, por exemplo, atrapalhasse o trabalho dele ou lhe roubasse o espólio debaixo do nariz, levaria logo com a lâmina da espada, ato ao qual ele teria todo o direito. Estou certo, rapazes?

Ninguém concordou nem discordou; a bem da verdade, Boholt não parecia muito interessado numa resposta à sua indagação.

— Pois é — prosseguiu. — Como já disse, viajar em grupo é muito mais agradável, e o bruxo pode continuar na nossa companhia. Esta região é selvagem e deserta, e, caso sejamos atacados por uma quimera, uma heteroptera ou uma estrige, não teremos problemas com o Geralt por perto, porque essa é a sua especialidade. Um dragão, porém, não é a especialidade dele, não é verdade?



Mais uma vez, ninguém confirmou ou negou.

— O senhor Três Galhas — prosseguiu Boholt, passando o garrafão ao líder dos anões — viaja com o Geralt, e isso basta-me. Portanto, quem é que vos atrapalha? Não posso acreditar que seja o Jaskier.

— O Jaskier — disse Yarpem Zigrin, entregando o garrafão ao bardo — aparece sempre onde vai acontecer algo interessante, e todos sabem que não vai estorvar, nem ajudar, nem mesmo atrasar a nossa marcha. É como uma pulga na cauda de um cão. Concordam, meninos?

Os corpulentos e barbudos «meninos» riram alegremente, sacudindo a barba. Jaskier puxou o seu chapéu para trás e sorveu um gole do garrafão.

— Oooh, que merda — gemeu, arfando. — Cheguei a perder a fala. De que é feita esta porcaria? De escorpiões?

— Só uma coisa me desagrada, Geralt — disse Penhorisco, pegando no garrafão do menestrel. — O facto de ter trazido aquele feiticeiro. Já temos feiticeiros suficientes.

— É verdade. — O anão aproveitou a deixa. — O Penhorisco está coberto de razão. Precisamos desse tal Dorregaray como um porco precisa de uma sela. Já temos a nossa feiticeira, a mui distinta Yennefer.

— Pois é — disse Boholt, coçando o pescoço taurino, do qual acabara de desprender uma armadura de couro coberta de puas de aço. — Temos feiticeiros a mais entre nós, meus senhores. Para ser exato, dois. E, para o meu gosto, eles estão muito apegados ao Niedamir. Olhem para nós, aqui, debaixo destas estrelas e sentados ao relento em volta de uma fogueira, enquanto eles, meus senhores, ficam na tenda real, no bem bom, aquecidos e a confabular. O Niedamir, a bruxa, o feiticeiro e o Gyllenstiern, dos quais a Yennefer é a pior. E querem saber o que eles tanto tramam? Procuram a melhor maneira de nos dar um pontapé no traseiro.

— E deliciam-se com carne de cervo — acrescentou Penhorisco, num tom soturno —, enquanto nós, o que comemos? Uma marmota. E o que é uma marmota?, pergunto. Nada mais do que um rato. Eis o que comemos: um rato!

— Não faz mal — disse Devasto. — Em breve poderemos deliciar-nos com uma cauda de dragão. Não há iguaria que se iguale a uma cauda de dragão assada na brasa.

— A Yennefer — prosseguiu Boholt — é uma mulher horrível, malvada e rezingona. Não é como as suas raparigas, senhor Borch, sossegadas e simpáticas. Olhem para elas: estão sentadinhas junto aos seus cavalos e afiam as espadas, e, quando passei perto delas, soltei uma gracinha e sorriram mostrando

os dentinhos. Sim, agradam-me, ao contrário da Yennefer, que passa a vida a inventar tramoias. Digo-vos que precisamos de ficar atentos para que o nosso acordo não acabe em merda.

— A que acordo se refere, Boholt? — indagou Geralt.

— O que lhe parece, Yarpem? Podemos contar ao bruxo?

— Não vejo impedimento — respondeu o anão.

— Acabou a vodca — disse Penhorisco, virando o garrafão ao contrário.

— Então traz mais. És o mais jovem de todos. Quanto ao acordo, Geralt, arquitetámo-lo porque não somos mercenários nem uns esbirros que o Niedamir possa mandar para combater um dragão a troco de umas moedas de ouro. A verdade é que podemos dar conta dele sem o Niedamir, enquanto este não pode prescindir dos nossos serviços. Isso demonstra claramente quem vale mais e quem deve receber a parte mais substancial. Assim sendo, adotámos um critério extremamente justo: os que derrotarem o dragão num combate direto terão direito a metade do tesouro. O Niedamir, pela sua nobre origem e pelo seu título, leva um quarto. Os demais dividirão entre si por igual o quarto restante. O que lhe parece?

— E qual foi a reação do Niedamir?

— Não disse nem sim, nem não. Mas é melhor ele não se meter, pois, como já disse, não está em condições de se lançar sozinho contra o dragão e terá de contar com profissionais, ou seja, conosco, os Rachadores, e com o Yarpem Zigrin e os seus rapazes. Seremos nós, e mais ninguém, a enfrentar diretamente o dragão. Quanto aos outros, nos quais incluo os feiticeiros, caso nos ajudem de forma honesta, poderão dividir entre si um quarto do tesouro.

— E quem mais, além dos feiticeiros, inclui nesses «outros»? — interessou-se Jaskier.

— Certamente não serão músicos, nem versejadores. — Yarpem Zigrin riu-se. — Incluímos aqueles que trabalham com armas, e não com alaúdes.

— Ah! — disse o Três Galhas, fitando o céu estrelado. — E com o que trabalhará o sapateiro Comecabras e a sua patuleia?

Yarpem Zigrin cuspiu para a fogueira, murmurando algumas palavras na língua dos anões.

— A milícia de Holopole conhece estas serras de merda e tem-nos fornecido guias — disse Boholt em voz baixa —, de modo que nada seria mais justo do que deixar os seus membros participarem na partilha. Já no caso do sapateiro, a questão é outra. Não seria bom a plebe chegar à conclusão de que, quando aparece um dragão nas suas vizinhanças, basta dar-lhe um venozinho e continuar a divertir-se com as miúdas em montes de feno, em vez de

chamar os profissionais. Se esse costume se firmar, acho que acabaremos a mendigar, não é verdade?

— Sem dúvida — confirmou Yarpén. — E é por isso que vos digo que algo de mau tem de acontecer àquele sapateiro, antes de o filho da puta se tornar uma lenda.

— Se tem de acontecer, então acontecerá — disse Devasto, enfático. — Deixem por minha conta.

— E o Jaskier — acrescentou o anão — vai ridicularizá-lo na sua balada, cobrindo o seu nome de vergonha e ignomínia por séculos e séculos.

— Esqueceram-se apenas de um detalhe — frisou Geralt. — Há entre nós um homem que poderá frustrar o vosso plano. Um homem que se recusará a participar em quaisquer acordos. Refiro-me a Eyck de Denesle. Chegaram a abordar o assunto com ele?

— E de que serviria isso? — perguntou Boholt, ajeitando os toros na fogueira. — Não se consegue conversar com o Eyck. Ele não percebe nada de negócios.

— Passámos por ele quando estávamos a chegar ao vosso acampamento — contou o Três Galhas. — Usava uma armadura e olhava para o céu, ajoelhado sobre umas pedras.

— Ele costuma agir assim — disse Penhorisco. — Fica a rezar ou a meditar. Diz que lhe é necessário porque recebeu dos deuses a incumbência de defender os seres humanos de todo o Mal.

— Lá na nossa terra, em Crinfrid — murmurou Boholt —, mantemos as pessoas desse tipo em estábulos, presas por uma corrente, e damos-lhes pedaços de carvão para que pintem coisas maravilhosas nas paredes. Mas vamos deixar-nos de tretas e passemos aos negócios.

No círculo da luz da fogueira surgiu repentinamente uma mulher de cabelos negros presos por uma rede dourada e envolta numa capa negra.

— Que fedor é este? — perguntou Yarpén Zigrin, fingindo não a ter visto. — Será de enxofre?

— Não — respondeu Boholt, olhando para um lado e fungando de maneira ostensiva. — É almíscar ou outra substância malcheirosa.

— Não, acho que é... — O anão fez uma careta. — Sim! É a distinta Yennefer! Seja bem-vinda!

A feiticeira percorreu lentamente o olhar pela assembleia, detendo por um instante os olhos brilhantes na figura do bruxo. Geralt sorriu discretamente.

— Posso sentar-me convosco?

— Mas é claro que sim, nossa benfeitora — disse Boholt, soltando um

solução. — Sente-se aqui, nesta sela. Mexe daí esse rabo, Kennet, e cede a sela à distinta feiticeira.

— Pelo que ouvi, os senhores estão a tratar de negócios. — Yennefer sentou-se, esticando as bem torneadas pernas enfiadas em meias pretas. — Sem a minha presença?

— Nós não ousamos — disse Yarpén Zigrin — incomodar uma pessoa tão importante.

— Quanto a si, Yarpén — Yennefer virou-se na direção do anão, com os olhos semicerrados —, o melhor que pode fazer é permanecer calado. Desde o primeiro dia que me trata como se eu fosse feita de ar, portanto continue assim, sem se incomodar, porque, para ser sincera, eu também não me incomodo.

— Mas o que diz a senhora, distinta dama? — sorriu Yarpén, mostrando uma fileira de dentes irregulares. — Que eu seja devorado por pulgas caso a tenha tratado pior do que o ar. Estando sozinho ao ar livre, eu poderia peidar-me e infestá-lo, algo que jamais ousaria fazer na sua presença.

Os «meninos» barbudos explodiram numa gargalhada, mas imediatamente se calaram face à visão de uma aura azulada que, repentinamente, envolveu a feiticeira.

— Mais uma palavra, Yarpén, e será você a transformar-se em ar infestado — disse ela, com uma voz metálica. — E sobrarão apenas uma poça negra na erva.

— Vamos parar com isso — pigarreou Boholt, desanuviando um pouco o ambiente e interrompendo o silêncio que se seguira. — Mantenha a boca calada, Zigrin, e vamos ouvir o que nos tem a dizer a senhora Yennefer. Ela queixou-se de que discutíamos negócios sem a sua participação, o que me faz crer que tem uma proposta a fazer-nos. Escutemos, portanto, o teor dessa proposta, desde que não seja a de ela, recorrendo apenas à sua magia, matar o dragão sozinha, sem ajuda alguma da nossa parte.

— E por que não? — perguntou Yennefer, erguendo orgulhosamente a cabeça. — Acha que não sou capaz, Boholt?

— Talvez até seja. Mas, para nós, isso seria péssimo, porque de certeza que a senhora exigiria metade do tesouro do dragão para si.

— No mínimo — respondeu a feiticeira friamente.

— Pois é. Como todos podem constatar, isso não seria um bom negócio para nós. É preciso que saiba que somos apenas pobres guerreiros, e, se o saque nos escapar debaixo do nariz, a fome baterá à nossa porta. Nós alimentamo-nos apenas de azedinha e cevada...

— E é uma festa quando conseguimos caçar uma marmota — acrescentou Yarpem Zigrin tristemente.

— E bebemos apenas água pura — disse Boholt, sorvendo um gole do garrafão e fazendo uma careta. — Para nós, digníssima senhora Yennefer, não há saída. Ou um saque, ou ficar debaixo de uma ponte a morrer de frio, porque as estalagens são caras.

— Sem mencionar o preço da cerveja — interveio Devasto.

— Nem o das jovens despudoradas... — enterneceu-se Penhorisco.

— E será por isso — disse Boholt, olhando para o céu — que mataremos o dragão sozinhos, sem quaisquer feitiços e sem a sua ajuda.

— Está assim tão certo disso? Não se esqueça de que há limites para o que é possível, Boholt.

— Talvez até haja, mas nunca me deparei com um. Não, minha senhora. Volto a repetir que mataremos o dragão sozinhos, sem quaisquer feitiços.

— Sobretudo — acrescentou Yarpem Zigrin —, porque os feitiços também têm os seus limites, que, ao contrário dos nossos, nós desconhecemos.

— Chegou sozinho a essa brilhante conclusão — indagou lentamente Yennefer — ou alguém lhe soprou isso aos ouvidos? Não será a presença do bruxo nesta nobre assembleia que lhes permite tanta petulância?

— Não — respondeu Boholt, olhando para Geralt, que parecia dormir, estendido preguiçosamente sobre uma coberta, com a cabeça apoiada numa sela. — O bruxo não tem nada a ver com isso. Ouça-me bem, distinta Yennefer. Apresentámos uma proposta ao rei e ele ainda não nos honrou com uma resposta. Como somos muito pacientes, aguardaremos até amanhã cedo. Se o rei aceitar o acordo, avançaremos juntos. Se não aceitar, daremos meia-volta e partiremos.

— Nós também — rosnou o anão.

— Além disso, não estamos dispostos a qualquer tipo de negociação — continuou Boholt. — A resposta tem de ser simples: sim ou não. Portanto, distinta Yennefer, tenha a bondade de transmitir as nossas palavras ao Niedamir. Quanto ao acordo, quero que saiba que pode ser vantajoso para si e para o Dorregaray, pois a única parte do cadáver do dragão que nos interessa é a cauda; o resto pode ficar para vocês. Não regatearemos nem os dentes, nem o cérebro, nem nada do que precisem para os vossos feitiços.

— E é óbvio — acrescentou Yarpem Zigrin, com um sorriso sarcástico — que a carniça ficará para vocês, feiticeiros, e para ninguém mais, a não ser que apareçam outros abutres.

Yennefer levantou-se, dobrando a capa sobre o braço.

— O Niedamir não vai esperar até ao amanhecer — disse secamente. — Aceita desde já as vossas condições, apesar de eu e o Dorregaray lhe termos aconselhado o contrário.

— O Niedamir — disse Boholt devagar — revelou uma inteligência surpreendente para um rei tão jovem. Porque para mim, prezada senhora Yennefer, a inteligência consiste, entre outras coisas, em ser capaz de descartar conselhos tolos e hipócritas.

Yarpen Zigrin soltou uma sonora gargalhada.

— Pensarão de outra maneira — afirmou a feiticeira, apoiando as mãos nas ancas — quando amanhã o dragão vos esmagar, perfurar e partir as tíbias. Aí, vão querer lambe as minhas botas e implorar por ajuda. Como de costume. Conheço muito bem gente da vossa laia! Chega a meter nojo.

Yennefer, então, virou-lhes costas e desapareceu na escuridão, sem uma palavra de despedida.

— No meu tempo — disse Yarpen Zigrin —, as feiticeiras viviam em torres, liam livros científicos e mexiam em caldeirões de barro com uma colher de pau. Não se enfiavam entre as pernas de guerreiros nem se metiam nos nossos negócios. Tampouco sacudiam o traseiro diante de rapazes.

— Um traseiro e tanto, diga-se de passagem — comentou Jaskier, afinando o alaúde. — O que achas, Geralt? Geralt? Onde se meteu o bruxo?

— E o que é que temos a ver com isso? — grunhiu Boholt, lançando mais lenha para a fogueira. — Desapareceu. Talvez tenha ido urinar no meio das árvores. É problema dele.

— Certo — concordou o bardo, batendo com os dedos nas cordas do alaúde. — Querem que vos cante algo?

— Pode cantar à vontade — disse Yarpen Zigrin. — Só não pense que lhe pago um litar que seja pelos seus mugidos. Não estamos numa corte.

— Já tinha percebido — respondeu o trovador.

## V

— **Y**ennefer.  
A feiticeira virou-se fingindo surpresa, embora o bruxo não tivesse qualquer dúvida de que ela ouvira os seus passos muito